

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܐ

SÃO PAULO - SETEMBRO A DEZEMBRO/2015

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO	1
A MULHER E A IGREJA DE	2
A ORAÇÃO	
RITUALÍSTICA	5
NOSSO PATRIMONIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO	7
NOTÍCIAS DA COMUNIDADE	9
CULTURA ORIENTAL - HISTÓRIA DA RIMA	10
SÁIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS	14
TEXTOS EM	17-
ARAMAICO	20

ORAÇÃO INICIAL

Tua porta que emana compaixão

(tare'okh tra'a rahme)

Tua porta emana compaixão,
Ó Jesus cheio de compaixão,
Pois quem entra carregando pecados
Sai carregado de compaixão.

Pai nosso que estás nos céus
A Ti oramos, aceita nossa súplica
E tem compaixão de nós.

Ó Senhor dos que estão no alto
E esperança dos que estão embaixo,
Aceita nossa súplica
E tem compaixão de nós!

(Oração de Santo Balái de Balaxe – século V – extraída do Livro das orações da Semana Comum da Igreja Siríaca de Antioquia – Mosteiro de São Marcos, Jerusalém-1936)



Reconstrução da Igreja do Cinturão após bombardeio do ISIS (E.I.) – em Homs - Síria (2015)

ܡܠܟܘܬܐ ܡܥ ܣܒܠܐ ܕܗܘܐ ܕܡܠܟܘܬܐ
ܕܗܘܐ ܡܥ ܗܘܐ ܕܡܠܟܘܬܐ ܕܗܘܐ -
ܗܘܐ ܡܥ ܗܘܐ (ܡܠܟܘܬܐ)

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout - Camila Sowmy
Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

(Em dezembro as missas serão oficiadas por S. Beatidade Mor Shemun Maurice, Amsih).

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA

Desde que começamos a apresentar as seções “Cultura Oriental” e “A Mulher e a Igreja de Antioquia” tivemos alguns leitores que nos apresentavam contra-argumentos emocionais, pois é difícil que alguém aceite o fato de que esteja errado naquilo que acredita e que vem ouvindo desde sua mais tenra idade, seja de seus pais ou de seus mestres. Assim já ocorrera quando o mundo ocidental se viu com o problema da esfericidade da terra. Só por que os gregos e outros povos acreditavam que a terra fosse quadrangular e plana e assim ensinavam os mais sábios dos filósofos da antiguidade grego-romana e esse ensinamento acabou passando à Igreja Ocidental de tal sorte que todo aquele que afirmasse que a terra não fosse plana e quadrangular seria excomungado ou dado como néscio. Então vieram os grandes navegadores italianos dos séculos XIV e XV e os espanhóis e portugueses, dos séculos XV e XVI, alunos daqueles italianos, com suas grandes descobertas de continentes que quebraram o paradigma errado estabelecido pelos filósofos grego-romanos. Hoje, qualquer aluno do ensino fundamental sabe que a terra é “redonda” e não plana e quadrangular.

No caso de *Suryoye*, tentamos mostrar que desde os tempos dos nossos antepassados pagãos, nossos reis já haviam estabelecido em seus códigos jurídicos, a igualdade entre homem e mulher, saindo da lei nomádica que ditava a superioridade do homem em relação à mulher. Já não seria mais a mulher, um objeto de prazer sexual do homem ou que serviria para manter a prole do homem e isso demonstramos através do Código de Hamurabi, quase 1.800 anos antes do nascimento de Cristo, o que nos dá aproximadamente 3.800 anos antes de nosso século XXI. Também mostramos como determinados pratos (alimentares) possuem sua origem na nossa comunidade siríaca que por sua vez é a amálgama dos povos antigos das regiões onde hoje estão os estados da Turquia (sudeste), Síria, Líbano e Iraque; todos aqueles povos que foram fruto da grande civilização assíria da antiguidade. Tal demonstração foi feita com base nos nomes de tais pratos culinários bem como de sua composição básica (receitas).

Retomemos a questão da igualdade entre mulhe-

res e homens aos olhos da Igreja Siríaca de Antioquia.

A mulher poderia dispor de seu corpo, da forma moral que bem entendesse, assim, tínhamos pregadoras do cristianismo (*mëssavroniotho*), diaconisas (*mëxamëxoniotho*) e freiras (*dayroyotho*) bem como os casos especiais das esposas dos padres casados (chamadas: *bënoth qiomo*), todas elas com um grau de estudo suficiente para que ensinassem às demais mulheres e homens, estes, maridos pagãos ou filhos. O cristianismo acabou por abolir, já no seu primeiro século de existência, a poligamia; a partir dele, um homem somente poderia casar-se com uma única mulher e isso, sem dúvida, colocava a mulher e o homem no mesmo grau de dignidade.

Ocorre que outros povos daquela época, não procederam assim e muitos povos do oriente, até hoje não procedem dessa maneira. A mulher está num grau de dignidade inferior ao do homem; assim é, por exemplo, a situação das mulheres islâmicas. Nessa sociedade, a mulher possui diversas restrições, as quais não são impostas aos homens. Não estamos falando somente do problema da poligamia e suas conseqüências nefastas que produzem aos povos, desde problemas educacionais até falta de alimentos, água, energia, poluição descontrolada etc.

Tomemos como exemplo, alguns casos sociais. Começamos pelo bem patrimonial (social), o da herança. Está escrito no Corão, o livro sacro dos muçulmanos (islâmicos);

-na Surat 4:11 - “Alá vos ordena a respeito de vossos filhos: o macho deverá ter o equivalente à porção de duas fêmeas....esse é um mandamento de Alá: Certamente Alá é Conhecedor, Sábio.”.

Outra questão social é a do pecado sexual ou como o islamismo considera o mesmo pecado de forma diferente para o homem e para a mulher:

-para a mulher – na Surat 4.15 – “Se algumas de vossas esposas forem culpadas de obscenidades, chamai dentre vós 4 homens como testemunhas contra elas e se eles derem testemunho, confinai-as às casas até que a morte as chame ou Alá a elas ordene outro caminho.”.

-já para o homem –na Surat 4.16 – “E se dois homens entre vós forem culpados de obscenidades, castigai a ambos. Se eles se arrependem e se

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO- EUROPA X BRASIL - 2ª Parte

No número passado (*Suryoye* nr 73) propusemos 3 perguntas:

- 1) Há como preservar o que restou do patrimônio cultural e social original?
- 2) Há como recuperar o que se perdeu do patrimônio cultural e social original?
- 3) Se a resposta à questão 2 for assertiva então, como proceder para recuperar o que se perdeu?

As respostas evidentes são:

- 1) Sim. Hoje, nossas comunidades no Brasil e podemos incluir a de Santa Maria, possuem recursos para preservar o que restou do patrimônio cultural e social original.
- 2) Essa questão é de difícil resposta, pois, se o que se perdeu do patrimônio cultural e social original foi reproduzido ou gravado nalgum outro lugar, noutro tempo, então a resposta será sim, no entanto, se tal não aconteceu então, o perdido é eterno. Observemos dois exemplos. (a) Alguém possui a troca de correspondências entre o primeiro padre nosso designado ao Brasil, padre Mussa Tuma Hakim e o Patriarcado de Antioquia? Se a resposta for sim, então há uma chance de, com trabalho, recuperar-se esse patrimônio que deve ser dos anos 1949 a 1963. Se a resposta for não, então essa parte da nossa história no Brasil estará perdida para sempre. (b) O segundo exemplo ainda refere-se às mesmas personagens da nossa história: Padre Hakim e Patriarcado de Antioquia; suponhamos por um instante que Padre Hakim houvesse trocado algumas idéias sobre algum assunto com um ou mais elementos da comunidade e algum desses elementos ainda encontra-se em vida; então poderemos obter um depoimento dessa pessoa sobre o que se falara, o que fora decidido e talvez até do teor da mensagem. Será um depoimento de uma testemunha, não o documento original e mesmo assim, terá sua validade para a recomposição de nosso patrimônio social e cultural no Brasil. Esse item (b) ainda pode desdobrar-se num terceiro que seria o conselheiro de Padre Hakim haver passado adiante o teor da conversa entre Padre Hakim e ele (conselheiro); se este último ouvinte (o terceiro) registrar o que fora conversado, apesar de ser um relato indireto, ainda terá sua validade histórica e o conhecimento ou decisão, não se perdeu.
- 3) Finalmente, essa questão, ainda que parcialmente respondida na exemplificação acima, demanda mais ações. Em verdade, trata-se de uma metodologia de procedimentos os quais devem ser elencados, analisados e comparados com os procedimentos de outras comunidades, siríacas ou não, que já passaram pelo mesmo processo e lograram ter sucesso na recuperação do que se perdeu.

Então, por onde começar?

Começamos por nós, por cada um de nós. O que somos, quem somos? Se soubermos quem somos; qual nossa origem; estaremos, então, começando a preservar nosso patrimônio, primeiro no nível individual; no nível micro e poderemos daí passar ao nível comunitário, ao nível macrosocial. Lembremos que uma comunidade é formada pelo traçado de vida de cada indivíduo que a assume e que ela, a comunidade, assume a somatória de todos os traçados de vida de todos os elementos que a compõem.

O primeiro ponto então é sabermos nossa origem, nossa história e quanto mais distante no tempo retrocedermos, mais poderemos conhecer como chegamos onde estamos; assim, a primeira atitude é perguntarmos por nossos ancestrais: pais, tios, primos, avós, bisavós, até a mais antiga geração que pudermos; isto é, nossa árvore genealógica. Veremos que há muita informação na nossa família que podemos colocar resumidamente no papel (hoje seria num arquivo de computador). Não é um trabalho impossível, é simples e até agradável, pois nos possibilitará reatarmos conversas com nossos parentes que à primeira vista, nada havia de comum entre nós, exceto “o sangue”. Não estou relatando isso como uma “lição de casa”; posso dizer

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO

que falo por experiência própria. Há 20 anos, meu pai ainda estava para comemorar suas bodas de ouro com minha mãe e viera visitar-nos um primo e sua esposa; o pai dele era primo-irmão de meu pai. Num domingo à tarde, sentamo-nos os três, meu pai, ele e eu, e decidimos “brincar” de quem se lembrava de mais pessoas da família. Ele tinha seus 50 anos, meu pai, 82 e eu 45. Comecei colocando os nomes dos casais que cada um lembrava e assim, passamos a tarde e varamos pela noite daquele domingo. No dia seguinte, fiz um desenho à mão em que iniciava por volta de 1850 numa cidade que nem era onde meu pai nascera, era onde seus avós nasceram e de lá, por perseguições sociais (religiosas e étnicas) foram obrigados a migrar e mudar o nome da família e chegamos até o ano letivo de 1995. Havia nomes de padres atuantes no Oriente e Europa que eu ouvira falar, porém, nunca imaginara que fossem parentes; assim também, nomes de professores que haviam já partido desta vida, tios de meu pai; até mesmo pessoas no Brasil que se aparentavam com meu pai ou minha mãe e aqui chegaram antes de meus pais, e eram parentes somente por afinidade (padrinhos, por exemplo).

Com mais alguns dias, tracei um esquema parecido com o “organograma de empresas” e passei a esse primo e sua esposa que nos visitavam e eles distribuíram a outros parentes, em outros países, com quem mantinham contato. Em poucos dias o desenho recebeu mais incrementos de nomes que haviam sido esquecidos. Além disso, foram surgindo os relatos sobre muitas das personagens que eram introduzidas no esquema e, hoje, olhando para trás, uma pergunta que me ocorre é que se eu não houvesse iniciado tudo como brincadeira, será que hoje poderia ter as informações que tenho? A resposta é óbvia, porque hoje, meu pai, minha mãe, meu tio materno, até mesmo aquele primo que nos visitara, já partiram desta vida e fica claro que as informações estariam perdidas ou difíceis de se obter.

Outro exemplo daqui do Brasil. Muitos conhecem a família de George e Mussa Nissan. Eles sempre apoiaram Padre Mussa Tuma Hakim e ofereceram-lhe uma pequena capela em sua casa para que celebrasse a missa aos domingos bem como outros ofícios eclesiais. Os filhos julgam que suas origens fossem da cidade de Homs, na Síria. Comentei com meu irmão, diácono Aniss que havia alguma incoerência nas informações porque meu pai, que convivera com os irmãos Nissan, contara-me que eles eram procedentes de Mardin, na Turquia. Em corroboração a isso, eu havia recebido um livro publicado na Suécia que citava que a família Nissan estava entre as famílias de Mardin e um ramo da família havia se convertido à religião da Igreja Católica Apostólica Romana, conhecida como Caldaica, no Oriente (usamos parte desse livro em *Suryoye* edição 72, na seção: Saifo - O Genocídio dos Siríacos); qual não foi minha surpresa ao ouvir o comentário de Aniss que ele entrevistara, há muitos anos, Sra Lídia Nissan, esposa de George, também para um número de *Suryoye*, na qual ela declara que os irmãos Nissan haviam migrado de Mardin para Homs e de lá viajaram para a Argentina e finalmente ao Brasil. Em Síria, quando jovens, foram obrigados a fugir pois um homem muçulmano causara-lhes alguma ofensa, houve discussões, agressões físicas e acabaram perseguidos pela polícia do governo (esse era muçulmano e eles, cristãos) e foram obrigados a fugir, donde rumariam à Argentina, lá também houvera uma parada alguns anos antes da mudança definitiva ao Brasil.

As informações são importantes para a história. A saga de uma família compõe com as sagas de outras famílias a história da comunidade e a história da comunidade, em nível regional e mundial é parte do patrimônio da comunidade, do povo, da nação.

Creio que cada um pode fazer algo parecido. As informações, por enquanto, ainda podem estar à disposição: sempre há um parente ou amigo na comunidade que conhece a história da família; até mesmo uma certidão de batismo ou de casamento vai nos servir porque lá estão os nomes de pessoas que nos apoiaram nos momentos difíceis ou felizes. Talvez a Igreja ou aquele amigo não conheça os detalhes internos da família, porém, as linhas gerais, essas ele poderá conhecê-las e isso será um ponto de partida.

É claro que tudo poderá ser incrementado e ilustrado com retratos, fotos ou filmes da família ou membros dela bem como em tempos modernos, gravações magnéticas ou digitais dos membros da família.

Também, um ponto que é esquecido na remontagem do acervo social e cultural são as receitas culinárias, as receitas dos pratos típicos que nossas mães, avós, tias trouxeram ou aprenderam com as mães delas. É um capítulo que merece ser escrito, todavia, quem conhece isso é o elemento da própria família. Observemos

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO

que são pequenos detalhes que constroem o tecido da trama comunitária e mantém unida uma comunidade.

Até aqui, trabalhamos no nível microssocial. Quando depositarmos essas informações na instituição comunidade, isto é, quando passarmos essas informações a alguma instituição comunitária, estaremos iniciando o trabalho macrossocial e, novamente, observemos: a consciência que desenvolvemos em relação à nossa comunidade passa por termos consciência da nossa memória pessoal e familiar.

Nossas comunidades em outros continentes: Europa, Austrália, América do Norte e até em partes da Ásia, possuem instituições diversas onde tais informações, relativas às pessoas e famílias das comunidades lá existentes, são coletadas. Aqui no Brasil e em todo o continente Sulamericano não há qualquer instituição. Até mesmo as próprias igrejas possuem seus documentos em desordem e não possuem elementos que se dediquem a esse trabalho tão importante.

Nossa comunidade aqui no Brasil precisa preocupar-se com a coleta e preservação desse patrimônio. Já é hora de os componentes das comunidades pensarem em formar comissões que desenvolvam esses trabalhos. A Diretoria da Igreja Santa Maria coloca-se à disposição para formar uma comissão com essa finalidade; os interessados podem entrar em contato inicialmente pelo e-mail: igreasirian@gmail.com.

Palavras da Bíblia

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.

E a Luz resplandece nas trevas e as trevas não O alcançaram.

Evangelho de São João - cap. 1º

NOTÍCIAS DA COMUNIDADE

1. *Visita Episcopal* – A Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, em São Paulo, receberá a visita episcopal de Sua Eminência Mor Shem'un Maurice Amsih, Diretor de Mídia e Protocolo do Patriarcado, na primeira semana de dezembro. Mor Shem'un deverá ficar entre nós até depois do Natal. *to baxlom ro'io xaríro uamdabrono hakimo*.
2. *Novo Sacerdote* – Sua Beatitude Moran Mor Ignátios Afram II, Karim, Patriarca da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia já escolheu um novo sacerdote para a nossa Igreja Santa Maria. A previsão é que o novo sacerdote consiga seus documentos até meados de janeiro de 2016 e em fevereiro de 2016 esteja exercendo suas funções paroquiais entre nós. A Diretoria Executiva deverá emitir um comunicado, a respeito, numa data mais próxima da chegada do novo sacerdote.
3. *Calendário Religioso de 2016 da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria* – Já está disponível o Calendário de 2016 com todos os feriados nacionais e festividades da nossa Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia. A Diretoria Executiva solicita a todos que não receberem o calendário até 10 de dezembro, que atualizem seus endereços. Na atualização deverão constar:- nome do responsável, endereço (logradouro, número, complemento), CEP e telefone para confirmação. Tal atualização deverá ser enviada ao e-mail da Igreja Santa Maria: igreasirian@gmail.com.

CULTURA ORIENTAL - A RIMA (2ª Parte)

No número 73 de Suryoye, deixamos “no ar” duas perguntas sobre a situação dos orientalistas no que dizia respeito à origem da rima na poesia ocidental. Em relação às descobertas da relação entre poesia árabe e ocidental, o mundo dos estudiosos....**Podia realmente descansar? Estava o enigma resolvido?**

Antes de continuarmos o estudo sobre a poesia e rima esta, em tese, criada pelos poetas árabes, precisamos olhar mais atentamente outros aspectos históricos.

Historicamente, quem primeiro cita as **mu'alaqat** foi um literato persa chamado Ahmad ibn Muhammad an-Nahhas que viveu na primeira metade do século X e não fornece datas para as **mu'alaqat**. Segundo na Nahhas, essas **mu'alaqat** foram escritas no período chamado **jahiliá**. Mesmo tomando por base que fossem essas poesias do século VI, temos um distanciamento de mais de 400 anos de silêncio sobre elas. Não são citadas em nenhuma língua ou referência da época que se falavam pelas regiões orientais, seja pelos árabes que perambulavam pela península arábica, onde em tese teriam surgido ou em farsi, pelos persas, ou em aramaico (síriaco) pelos povos da Mesopotâmia, da Síria, da Fenícia (Líbano) e da Palestina ou até mesmo em grego pelos bizantinos; nenhuma palavra, nada, silêncio total, nada fora escrito sobre elas.

Donde então sacou Ahmad ibn Muhammad an-Nahhas essa teoria de que elas houvessem sido escritas na época da **jahiliá**?

A resposta deve ser dada olhando duas situações, a saber:

1º. De uma simples dedução lógica, pois, em não sendo sobre Maomé ou sobre Alá ou ainda um relato histórico do islamismo, logo teria que ser anterior a Maomé pois somente estes três temas eram abordados após a morte de Maomé (e são somente esses 3 temas o que ensinam até hoje, desde o primeiro grau, nas escolas dos países onde a religião oficial é o islamismo);

2º. Das lendas do encontro entre Maomé e as **mu'alaqat**. As lendas que cercam as **mu'alaqat** são inúmeras, desde o significado até a posição que ocupavam na **Ca'aba** e a forma como Maomé, o profeta do islão, procedeu em relação a esses escritos.

A lenda mais conhecida sobre as **mu'alaqat** é que foram escritas sobre papiros e pendurados na **Ca'aba** durante um século, aproximadamente e quando Maomé visitou a **Ca'aba**, já assumido como profeta do islão, mandou arrancá-las de lá para que não desviassem a atenção dos fiéis do caminho de Alá (esse é o nome do deus dos islâmicos, ou seja, os seguidores de Maomé). Como o verbo “pendurar” no idioma árabe é “**a'alaqa**” e o substantivo feminino, dele derivado é “**mu'alaqa**” e no plural “**mu'alaqat**” logo, Ahmad ibn Muhammad deduziu que *ficavam penduradas* nalgum lugar muito visitado e como a **Ca'aba** era o ponto de atração das peregrinações pagãs, pré-islâmicas então, foi um simples passo dizer que esses escritos poéticos eram “*pendurados na Ca'aba*”.

Tudo isso induziu o mundo árabe, talvez por falso ufanismo, assim como o mundo dos estudiosos ocidentais, não só do arabismo como também da cultura provençal, galega e suas sucessoras (principalmente a espanhola e portuguesa) nesse erro básico sobre a origem da rima e, portanto, da forma da poesia baseada em métrica, cesura, ritmo e rima.

O erro nessa teoria é que nenhum biógrafo de Maomé, o profeta do islão, se quer menciona que ele houvesse arrancado esses escritos da **Ca'aba**, nem mesmo que houvesse visto tais escritos não só na **Ca'aba** como durante qualquer época de sua vida.

Como se vê, tudo isso é um erro porque o mundo dos estudiosos se deixou iludir pelo caminho fácil, porém, ensinou-nos nosso mestre e salvador Jesus Cristo, o caminho que leva à verdade é estreito (Mateus: cap. 7) e quem quiser enveredar por ele não poderá esmorecer sob perigo de cair no abismo.

Existe um pensamento claro no mundo das ciências e aqui, uso esse termo “ciências” em seu sentido amplo que é o do saber, do conhecimento do ser humano. Tal pensamento é que se houver uma contradição na teoria, então a teoria cai por terra e o cientista, o sábio, o pesquisador deverá procurar readequar a teoria ou até mesmo abandoná-la e partir para “montar” nova teoria que não tenha contradições ou erros.

O nosso caminho sempre é o mais tortuoso. Devemos procurar a verdade sobre a origem da rima e talvez da poesia por outro método.

CULTURA ORIENTAL - A RIMA (2ª Parte)

(continuação)

No número anterior disséramos que a poesia é a tentativa do ser humano em conseguir um efeito psicológico sobre outro ser, imitando a música e a isso podemos acrescentar que além da melodia e ritmo, deve o poeta enlevar o ouvinte a ponto de hipnotizá-lo para que suas palavras possam ter um efeito mais profundo. Uma das maneiras de se efetuar esse hipnotismo é pela repetição cadenciada de um ritmo. Em poesia, isso seria obtido pelo número de sílabas de um verso que se repetiriam pelos subseqüentes, porém, há que se ver que somente isso não seria suficiente, é preciso que as sílabas tônicas (=sílabas fortes) também se repetam igualmente pelos versos ou seja, os acentos devem cair nas mesmas sílabas por diversos versos.

Tal como fora feito em outros artigos sobre Cultura Oriental, aqui também partiremos dos nomes, suas formas e variações nas diferentes línguas orientais e talvez cheguemos a pontos interessantes. É preciso observar que daqui em diante, trata-se de um desenvolvimento novo na teoria da origem da rima na poesia, pois, como mencionado no número anterior, o mundo dos estudiosos parou na transferência da rima na poesia, da língua árabe às línguas ocidentais.

O ponto de partida será a palavra **mu`alqat** que os árabes e estudiosos da língua árabe alegam ser a mais antiga poesia com rima que se conhece. Ocorre que os árabes chamam a poesia de **xi`ir**, no plural **axi`ar** (os europeus escrevem: **ashi`ar**) e **xi`ir** é uma palavra do gênero masculino enquanto que **mu`alqat** é feminino e poesia em árabe é **xi`ir**, masculino, então por que **mu`alqat** no feminino? O que essa palavra qualificava e o que estava subentendido? Em verdade, **mu`alqat** referia-se a **surat** que é feminino; assim teremos: **surat mu`alqat**. A palavra **surat** aparece em árabe com o Corão e eles traduzem **surat** por capítulo, porque no seu livro sagrado, o Corão, a divisão tradicional é em **surat** e **aiat** (capítulos e versículos) pois tomavam por base o Novo Testamento; quando comparavam a **surat** completa, essa “equivalia” ao **capítulo** do Novo Testamento (lembramos que Maomé fora discípulo de um padre cristão que lhe lia o Novo Testamento e o interpretava e, possivelmente, ele dispôs o Corão como o Novo Testamento); ainda mais, no Corão, a **surat** não é poesia, é simples prosa. Ocorre que a própria palavra **surat** é derivada do aramaico: **xirat/ xirto** que significa “cântico” (ou canção) e esta tem a forma feminina (aqui também devemos nos lembrar o que foi citado em outros números de *Suryoye* que algumas consoantes são permutadas entre si de um idioma semita para outro, entre essas estão as consoantes “s” e “x”, assim, por exemplo, temos: **sunbul** - em árabe e **xenbel** - em aramaico; ambas significam “espiga de planta”; **qadís**- em árabe e **qadix**- em aramaico; ambas significando “santo”). Hoje, a Igreja de Antioquia prefere outros nomes para designar cântico ou hino, tal como **qínto** e **suggítho** que também são femininas.

Supondo verdadeira a tese de Ahmad ibn Muhamad an-Nahhas, ainda assim, o qualificativo **mu`alqat** referia-se a **surat** e não a **axi`ar**, visto que o qualificativo concorda com o substantivo em gênero e número, ou seja, ambos devem ser, no nosso caso, femininos. Isso concorda com o que dissemos sobre as **mu`alqat** as quais eram canções e tal idéia está muito bem definida em árabe que diz “**al mu` alaqt kanu aghani**” (= as **mu`alqat** eram canções).

Entra aqui outro indício. Todas as orações da Igreja Siríaca eram escritas em aramaico e cantadas e como a origem da palavra **surat** é aramaica, logo as **surat** eram cantadas.

Mais um indício da origem das **surat**. Se elas são canções, por que os árabes usaram uma palavra em aramaico (**xirat / surat**) e não em árabe (**aghani**)? A resposta seria porque eles trouxeram essa técnica da Igreja Siríaca, ou seja, do aramaico. Além disso, podemos também citar o próprio nome de rima em árabe: **qaffaton**. O estudo etimológico remete-nos ao aramaico: **qofito** que significa *rima* ou *terminação* e por sua vez provém de **aqafto**. Olhando o dicionário de Louis Costaz (página 213) temos isso traduzido por “**suivre**” e “**genre de chant**” ou “**a que segue**” e “**tipo de canção**”. Assim, o termo usado para rima, em árabe, é, em verdade, uma palavra do aramaico, importada ao árabe, visto que não existe origem para esta palavra (**qaffaton**) em árabe,

Toda essa teoria pode cair por terra se não provarmos que em aramaico já existiam poesias com rima, anteriores às **mu`alqat** e além disso, mostrar que a rima deveria ser algo constante e não esporádico. Realmente, podemos tomar como prova a poesia de Efrém, o Siríaco (**aphrem danessebin**) e de Tiago de Serug (**ya`aqüb dasserug**). Esses mestres, ambos, são anteriores às **mu`alqat**. Efrém é do século IV (306 – 373

CULTURA ORIENTAL - A RIMA (2ª Parte)

(continuação)

d.C.) e Tiago é do século V (451 -521 d.C.).

De Efrem, o Siríaco, apresentamos três estrofes das muitas cantadas na Igreja Siríaca na época da quaresma; colocamos a transliteração e a tradução aqui.

dsum dsáumo dárba'in iáumin
uhav láhēmokh láino dēkhafin
udsálo bēiáumo xēva'a zábēnin
akh díleft men bar íxai.

(jejua o jejum dos quarenta dias
e dá o teu pão a quem tem fome
e reza ao dia sete vezes
tal como aprendeste do filho de Jessé)

dsom muxe árba'in iáumin
uelío árba'in iáumin
dsom moran árba'in iáumin
uazēkho lēvixo ba'aldaro

(jejuou Moisés quarenta dias
e Elias, quarenta dias
jejuou Nosso Senhor quarenta dias
e derrotou o malvado, o líder do inimigo.).

lo teqne dáhēvo ussímō
sámo dēmáuto bēhun símo
qēní lokh iulfono hēlimo
dēthehue men morio rēhimo.

(não adquiras ouro e prata
veneno mortal neles há
adquire sabedoria sã
para seres pelo Senhor Deus amado.).

De Tiago de Serug escolhemos uma estrofe também cantada na Igreja Siríaca toda quarta-feira comum. Esse cântico possui 4 estrofes com 4 versos cada, porém aqui, colocamos somente uma estrofe.

xúvēho lábo dághēvo lēmáriam dsevionoíth
usseghētho lavro dēháiel lēssohédáu athlidtoíth
táudi lērúho damēqím míthe poqúdoíth
uhádu kíono datēlotháihun lo fēlighoíth.

(glória ao Pai que escolheu Maria por vontade própria,
E reverência ao Filho que fortificou seus mártires heroicamente,
graça ao Espírito que ressuscitou os mortos por sua ordem
pois uma única é a natureza dos Três sem separação.).

Nas poesias acima, em Epfrem, a rima segue o esquema: A-A-A-B ; A-A-A-C e A-A-A-A; já em Tiago, o esquema por todas as estrofes é A-A-A-A.

Na secção de aramaico colocamos os originais e acrescentamos mais uma poesia de Efrem, o Siríaco, publicado em Viena, por um professor ocidental; para que o leitor não pense que é mero acaso, ao contrário, a rima era uma técnica dominada pelos autores de aramaico bem antes que surgisse nos escritos árabes. Em verdade, essa técnica fora transferida do aramaico aos árabes. Os pregadores e depois os bispos da Igreja Antioquina muito provavelmente levaram aos árabes as poesias de Efrem, o Siríaco e de Tiago de Edessa durante suas pregações.

Para finalizar, é preciso levar em conta que apesar de construções mentais metafóricas, cheias de simbologia cristã, as poesias desses cânticos tinham personagens bem reais, Jesus, a Virgem Maria, mãe de Deus bem como os apóstolos, as santas e os santos. Esses cânticos colocavam as personagens em pedestais bem altos e inatingíveis pelos comuns mortais já que eram símbolos de uma vida pura. Observemos que isso não é novidade no Oriente; as mitologias assírias já faziam isso milênios antes do nascimento de Cristo. Exemplo típico é o épico de *íxtar* e *tammuz* (os orientistas europeus preferem a grafia: *Ishtar* e *Tammuz*). *Íxtar* desce ao “reino do nada” (os cristãos chamam de *xeúl*, em aramaico) para resgatar o pastor de ovelhas, *Tammuz*, e trazê-lo de volta à vida, pois sem ele, a vida na terra morreria definitivamente e ela ficaria sem seu amado. *Íxtar* é imune à morte, ela é a grande heroína e seu *status* é inatingível pelas outras mulheres que são mortais; ela está num pedestal inatingível pelos mortais. É a mais bela entre todas as mulhe-

CULTURA ORIENTAL - A RIMA (2ª Parte)

(continuação)

es, ela é a filha do deus dos céus, Anu. Vemos que daí começam a ter forma as **mu'alaqat** em que o poeta árabe canta a beleza indescritível de sua amada e quer alcançá-la porém não consegue; também assim são as *coplas* trovadorescas européias; essas também nascem do simbolismo da Igreja Siríaca, através do contato Ocidente-Oriente, logo de início, durante as primeiras pregações cristãs orientais ao ocidente e depois, reforçadas pelo contato dos “cavaleiros cruzados” com os cristãos orientais em Edessa, capital intelectual dos siríacos porém, agora, num mundo não só dos santos mas através dos cantadores (trovadores), com o mundo das pessoas reais em que a amada é colocada no alto de um pedestal que o trovador quer alcançar e que na maior parte das vezes não atinge.

Referências:

Livro das orações da semana simples. Jerusalem – 1936 A.D. (páginas 118 e 119).

Oberleitner, Andrea. *Hymnus Nonus. Paraenesis ad poenitentiam* in **Chrestomathia Syriaca uma cum Glossario Syriaco-Latino.** – Viena, 1826.

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

Neste número, diferentemente de todos os passados, apresentamos imagens da Conferência de Paris da Liga das Nações, na qual o Bispo Severius Aphrem Barsoum, Bispo de Síria e Líbano, depois, Patriarca da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia (1932-1957), Mor Ignátius Aphrem I, Barsoum, representava os interesses de nossa nação e pleiteava tratamento humanitário e digno para todos os assírios, caldeus e demais denominações.

A Conferência de Paris ocorreu do início de 1919 e se prolongou até 1920 em diversas épocas e nessa Conferência como em outras épocas posteriores, foram estabelecidos parâmetros para os armistícios assinados entre as potências derrotadas da Alemanha e Turquia (Império Otomano) de um lado e as potências vencedoras do outro: Grã-Bretanha, França e Estados Unidos.

Os ingleses e franceses haviam feito diversas promessas, durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) aos armênios, árabes e assírios (assírios / surianis, caldeus,) se os auxiliassem a derrotar os otomanos (turcos). De início, os assírios se opuseram a esse plano, porém, os turcos (otomanos) iniciaram a massacrar todos os cristãos indiscriminadamente e então os assírios também tentaram a proteção dos ingleses que não cumpriram as promessas aos armênios e assírios. Em vez disso, traíram-nos e deram todas as terras conquistadas somente aos árabes, pois, interessava-lhes o petróleo. Dessa forma, as perseguições e matanças aos assírios, no território dos turcos, ainda continuaram até 1924/1925.

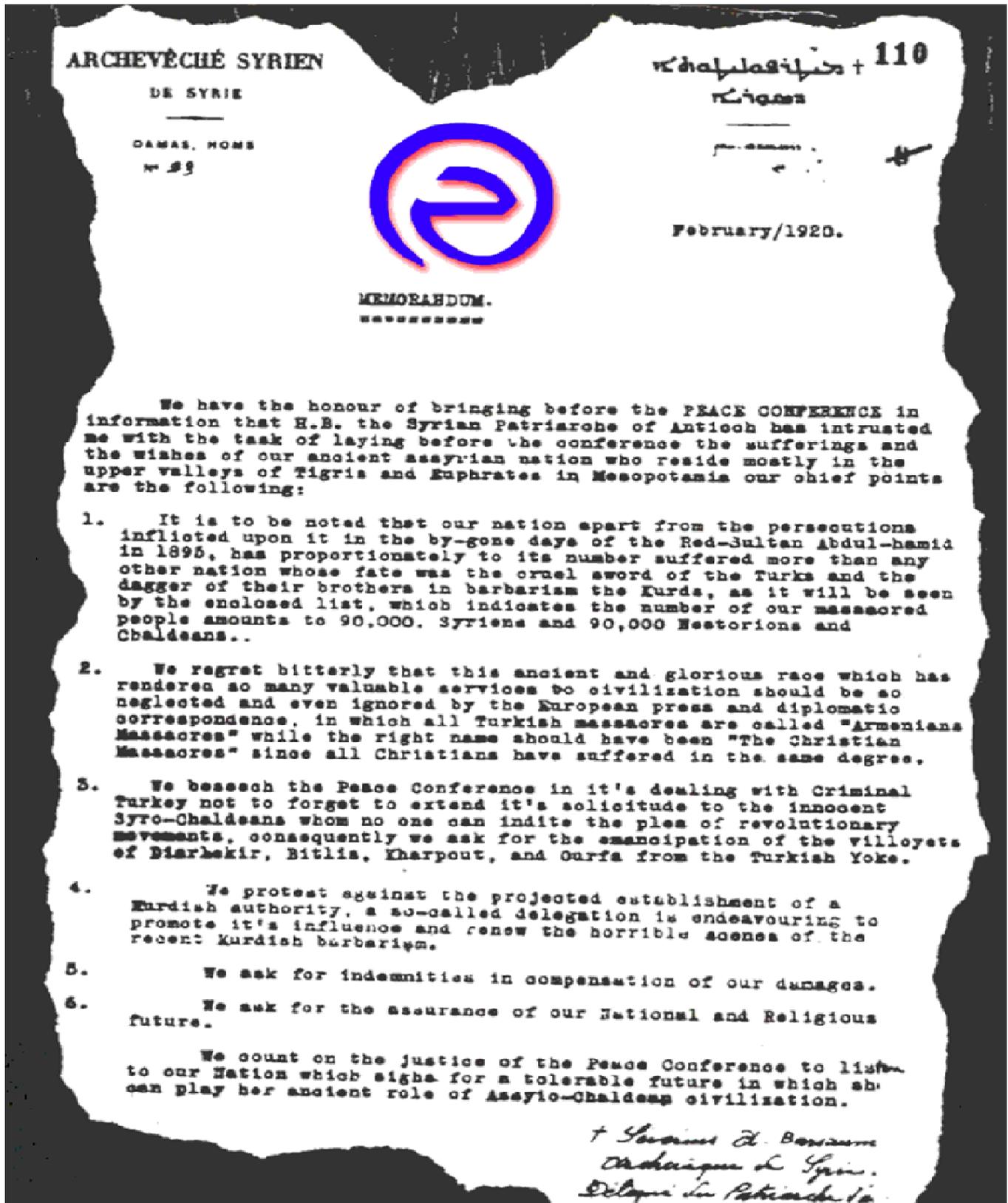
Em outubro de 1945, poucos meses após o término da 2ª Guerra Mundial, a Liga das Nações foi transformada na ONU (Organização das Nações Unidas), que continua negando o Genocídio dos Armênios e Assírios na Turquia, conhecido como Sáifo.

Todos os documentos e fotos a seguir foram obtidos do site: <http://bethsuryoyo.com/>; a data de acesso é 12 de novembro de 2015.

Em <http://bethsuryoyo.com/Code/Articles/Documentary.html> podem ser obtidos mais documentos, tradução em árabe do documento que publicamos a seguir bem como outros documentos no idioma turco e entrevistas e cópias em aramaico.

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

(PARTE IV)



SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS**CONTINUAÇÃO**

[Tradução Livre:-

Arcebisado Siríaco da Síria – Damasco, Homs

Fevereiro de 1920

Memorandum

Temos a honra de trazer diante da CONFERENCIA DE PAZ a informação que Sua Beatitude o Patriarca Siríaco de Antioquia me confiou a tarefa de colocar diante da conferência os sofrimentos e desejos de nossa antiga nação Assíria que reside principalmente nos altos vales do Tigre e Eufrates na Mesopotâmia; nossos principais pontos são os seguintes:

Deve ser observado que nossa nação, além das perseguições que se lhe infligiu nos dias já idos do Sultão-Vermelho, Abul Hamid, em 1.895, proporcionalmente a seu número, sofreu mais que qualquer outra nação cujo destino foi a espada cruel dos Turcos e a adaga de seus irmãos na barbárie, os Curdos, como se há de ver na lista que acompanha, a qual indica que o número de nosso povo que fora massacrado, totaliza 90.000 Siríacos e 90.000 Nestorianos e Caldeus.

Lamentamos amargamente que essa antiga e gloriosa raça, a qual propiciou valiosos serviços para a civilização, deva ser tão negligenciada e até ignorada pela imprensa e correspondência diplomática Européia a qual chama todos os massacres Turcos de “massacres dos Armênios” porquanto o nome correto deveria ser “Os Massacres dos Cristãos” pois todos os Cristãos sofreram da mesma forma.

Pleiteamos junto à Conferência de Paz que ao tratar dos Crimes da Turquia, não se esqueça de estender seus cuidados aos inocentes Sírio-Caldeus aos quais ninguém poderá imputar a alegação de movimentos revolucionários; conseqüentemente pedimos a emancipação das províncias de Diarbakir, Bitlis, Kharpout e Urfa do jugo da Turquia.

Protestamos contra o estabelecimento projetado de uma Autoridade Curda, uma tal delegação que está se esforçando em promover suas influências e em renovar as horríveis cenas do recente barbarismo Curdo.

Pleiteamos uma indenização para compensar os danos a nós causados.

Pleiteamos a nossa segurança futura: Nacional e Religiosa.

Contamos com a justiça da Conferência de Paz para dar ouvidos à nossa Nação que aspira por um futuro de tolerância no qual ela poderá desempenhar seu papel antigo da civilização Assírio-Caldaica.

Severius A. Barsoum

Arcebispo da Síria

Delegado do Patriarcado]

Obs.: Os dados à disposição na época (1919) eram precários e somente duas décadas depois foram compilados os dados com base em relatos de inúmeras pessoas que viveram os fatos à época do Saífo, nas diversas aldeias e cidades e descobriu-se então que o número de massacrados entre os assírios era 750 mil, dos armênios era quase 1,5 milhão e dos gregos era de 500 mil. Os dados foram confirmados pela “*International Association of Genocide Scholars*” (IAGS).

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

CONTINUAÇÃO



Oração pelos mártires cristãos

Os Mártires viram o Filho
Com Seus braços estendidos na cruz
E entregaram-se¹ então
A todos os sofrimentos
Por amor a Ele.
Ó Mártires santos
Servos do Senhor Excelso
Vossas orações
A nós sejam
Muralha e refúgio.

¹ Em aramaico: "deram seu pescoço"

Delegação Assíria na Conferência de Paz de Paris (1919-1920)

Observações:

- 1) Sentado: Bispo Severius Aphrem Barsoum
- 2) M.D.: abreviatura de Doutor em Medicina

ORAÇÃO INICIAL

ܟܠܗ ܕܝܗܘܐ ܕܢܗܘܐ ܕܟܠܗ

Tare`okh tra`a raḥme iexu mēle raḥme
 De`oel dTe`in ḥaube nofeq xqil raḥme.
 Abun dēvaxmaio methēkaxfinan lokh
 Qabel texēmextan uethraḥam a`alain.
 Moro de`eloie: usavro dēthaḥētoie
 Qabel texēmextan: uethraḥam e`elain.

ܠܐܘܚܒ ܠܐܘܐ ܩܫܘܠܐ: ܩܫܘܠܐ ܡܠܐ ܩܫܘܠܐ.
 ܘܠܟܠܐ ܠܚܒ ܢܩܠܐ: ܩܒܠ ܡܩܒܠܐ ܩܫܘܠܐ. ❖
 ܠܗܒܐ ܘܕܥܘܠܐ: ܡܠܐ ܩܫܘܠܐ ܚܒܐ.
 ܡܠܐ ܠܡܥܘܠܐ: ܗܘܐ ܠܐܘܫܡܕܟܐ ❖
 ܡܘܢܐ ܘܠܚܘܠܐ: ܗܘܘܗܘ ܘܠܒܘܠܐ.
 ܡܠܐ ܠܡܥܘܠܐ: ܗܘܐ ܠܐܘܫܡܕܟܐ ❖

ܡܢ ܡܠܟܐ ܘܠܚܘܠܐ ܘܡܠܐ ܡܥܘܠܐ - ܗܘܘܗܘ - ܠܚܘܠܐ ܡܪ

ORAÇÃO PELOS MÁRTIRES CRISTÃOS

ܩܫܘܠܐ ܠܐܘܐ ܕܟܠܐ:
 ܘܩܫܘܠܐ ܠܐܘܐ ܕܟܠܐ.
 ܗܘܐ ܠܡܥܘܠܐ ܩܫܘܠܐ:
 ܠܟܠܐ ܩܫܘܠܐ ܡܠܐ ܩܫܘܠܐ ❖
 ܩܫܘܠܐ ܠܐܘܐ ܕܟܠܐ:
 ܠܟܠܐ ܩܫܘܠܐ ܕܟܠܐ.
 ܠܟܠܐ ܩܫܘܠܐ ܕܟܠܐ:
 ܩܫܘܠܐ ܠܐܘܐ ܕܟܠܐ ❖

CULTURA ORIENTAL – A RIMA

ܡܢ ܕܢܫܐ ܕܡܢ ܕܢܫܐ - ܡܢ ܕܢܫܐ

ܡܢ ܕܢܫܐ ܕܡܢ ܕܢܫܐ ܕܡܢ ܕܢܫܐ - ܡܢ ܕܢܫܐ

(Livro das orações da semana simples -Jerusalem - 1936 A.D.)

مذہبہا کە حەسەتە کە - مەبەتە کە

حەتەتە کە تەتە کە فەتە کە سەتە کە

حەتەتە کە تەتە کە فەتە کە سەتە کە

تەتە کە فەتە کە سەتە کە
سەتە کە فەتە کە تەتە کە
فەتە کە تەتە کە سەتە کە
سەتە کە فەتە کە تەتە کە

تەتە کە فەتە کە سەتە کە
سەتە کە فەتە کە تەتە کە
فەتە کە تەتە کە سەتە کە
سەتە کە فەتە کە تەتە کە

تەتە کە فەتە کە سەتە کە
سەتە کە فەتە کە تەتە کە
فەتە کە تەتە کە سەتە کە
سەتە کە فەتە کە تەتە کە

حەتەتە کە تەتە کە فەتە کە سەتە کە

مذہبەھا کە حەسەتە کە - مەبەتە کە

*O Conselho e a Diretoria Executiva da
Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria e a
Liga das Senhoras da Igreja de Santa Maria,
desejam a todos os fiéis da Igreja Siríaca Ortodoxa
no Brasil:*

Feliz Natal e um Próspero Ano de 2.016

ܠܟܘܢܘܢ ܘܠܟܘܢܘܢ ܠܟܘܢܘܢ

ܠܟܘܢܘܢ ܠܟܘܢܘܢ

ܠܟܘܢܘܢ ܠܟܘܢܘܢ ܠܟܘܢܘܢ ܠܟܘܢܘܢ